

**A LINGUAGEM DA CATIRA COMO EXPRESSÃO DO
ACAIPIRAMENTO NO NORDESTE GOIANO**

João Nunes Avelar Filho (UEG / UnB)

R e s u m o : Este estudo pretende examinar a dança popular da *catira* como expressão de ajustamento aos meios natural, mental e social, uma construção de equilíbrio ecossistêmico no acaipiramento de Goiás. A solidariedade que existe como forma de cooperação no trabalho coletivo nos núcleos vicinais rurais pode ser expressa em manifestações culturais como essas, revelando um conceito ecológico de comunhão. Nosso objetivo é destacar essa dança sertaneja por meio de estudos bibliográficos, procurando compreendê-la no diferenciado ecossistema rural da microrregião do nordeste goiano. Para isso, as contribuições da ecolinguística, disciplina que estuda as relações entre língua e meio ambiente, servirão de embasamento teórico. A observação *in loco* dessa dança será de fundamental importância para uma investigação etnográfica também. Nesse contexto, as interações são intensas e diversificadas, compreendendo elementos verbais e não verbais em uma riquíssima composição ecológica da linguagem.

Palavras-chave: Catira. Acaipiramento no nordeste goiano. Linguagem verbal. Linguagem não verbal.

A b s t r a c t : This article intends to examine the popular dance of *Catira* as an expression of adjustment to the natural, mental and social environments, in the rural region of the northern part of the state of Goiás, Brazil. The solidarity for corporative work in neighboring rural core can be expressed in cultural manifestations like these, according to the ecologicalinguistic concept of communion. Our purpose is to investigate this rural dance through bibliographic examination, searching for comprehension of this dance in the different cultural ecosystems of the micro-region of northeastern Goiás. Ecolinguistics, a discipline that studies the relations between language and environment, will be the theoretic support. The observation *in loco* will be of fundamental importance for an ethnographic investigation too. The interactions in the context are intense and diverse, including verbal and non-verbal components in a rich ecological composition of language.

Key words : Catira dance; Acaipiramento in northeastern Goiás. Verbal language. Non verbal language.

1. Introdução

A catira é uma das expressões artísticas brasileiras originadas do processo de ajustamento ao meio físico do homem caipira, uma construção resultante da fusão de três povos: o primitivo da terra, o negro e o português. A catira na região nordeste de Goiás é o resultado do isolamento em um território hostil, uma manifestação diversificada daquela das correrias paulistas, com forte influência de várias outras danças como a curraleira¹ e o lundum de cacete².

Em conformidade com Cândido (2010), os gestos de solidariedade para o trabalho coletivo, os movimentos associados de cooperação, o ritmo encadeado dos diferentes atores na especificação das tarefas expressavam a sociabilidade existente nos núcleos vicinais da vida rural. Portanto, a necessidade de ajuda mútua imposta pela precariedade tecnológica dos tempos remotos no interior do Brasil determinou a formação de uma rede ampla de relações, ligando umas as outras as pessoas e revelando a existência do conceito ecológico de comunhão exposto por COUTO (2007). Esse conceito será aqui explorado de forma a evidenciar a contribuição para uma unidade estrutural e funcional tanto para o trabalho quanto para a diversão dos agrupamentos humanos, maneiras de manter sua sociabilização e interdependência.

Pretende-se mostrar nesta abordagem como que a catira consiste em uma adaptação intrínseca ao meio físico, mental e social da vida rural, resultando em uma manifestação *sui generis*, e descrever essa dança popular por meio de uma linguagem singular na expressão de uma realidade ecossistêmica diferenciada.

O processo de acaipiramento é aquele que integra um conjunto cultural homogêneo de um modo de ser, um tipo de vida. Para Pires (1921) a cultura caipira se constitui de costumes, conhecimentos e hábitos com níveis mínimos, organicamente entrosados, de subsistência e vida social, exprimindo um tipo de economia e vivência semifechada e rústica.

¹ A curraleira é uma dança muito antiga e rústica, na qual os dançarinos sapateiam todos ao mesmo tempo fazendo a cantoria e tocando seus instrumentos (viola, caixa e pandeiro). Essa forma de sapateado apareceu na região no ciclo do gado, quando os tropeiros se reuniam para assar a carne do gado e cantar. É menos conhecida que a catira, embora seja mais dançante. A expressão originou-se do 'gado curraleiro', típico da região do nordeste goiano. O rebanho que deu origem ao gado curraleiro foi trazido da Península Ibérica pelos portugueses e seu deslocamento pelas diferentes regiões do Brasil determinou um processo de seleção natural de populações distintas adaptadas às condições locais (MARIATE; EGITO, 2002).

² O **lundum** (ou lundum) é uma dança de origem africana, de caráter cômico, sofrendo variações de acordo com a região. Em Formosa, dança-se o lundum de roda, em que as mulheres fazem rodopios e sapateados ao som da viola, caixa e pandeiro, formando-se roda e, às vezes, cantando. Os homens dançam o lundum de cacete. Esse nome se deve ao costume de bater cacetes enquanto dançam (COUTO, 2004).

Segundo Ribeiro (1995), a catira constitui uma interpretação do mundo sertanejo. Assume-se nesta investigação que a catira local é uma reinterpretação ecossistêmica adequada ao meio ambiente do nordeste goiano. Veremos que nessa região a dança foi se estabelecendo de maneira diferenciada daquela das correrias paulistas, porquanto o primeiro habitante não índio nesse remoto território goiano não fora o bandeirante, mas o negro fugitivo das regiões litorâneas. Ele trouxe consigo a influência cultural e a religiosidade do branco com o qual convivera intensamente, fundindo a tradição europeia com a tradição de afro-descendência, mesclada com o nativo da terra, resultando em um hibridismo cultural.

1. O contexto ecossistêmico diferenciado da região do nordeste goiano e a catira

A região do Nordeste Goiano era pouco habitada até meados do séc. XX e era conhecida como ‘corredor da miséria’³, no cenário do estado de Goiás. Havia poucos estudos sistemáticos sobre fauna, flora, solo, hidrografia, regime de chuvas, acidentes geográficos, população e suas tradições. Somente após a criação da nova capital federal é que ela passou a ser objeto de interesse e destaque.

O povoamento remonta à época dos bandeirantes e dos escravos fugitivos que adentravam o Brasil, seguindo os cursos de água. O ouro também foi responsável pela fundação de povoados e pela fixação de seus habitantes. Teles (2004) diz que, para evitar a perda dos quintos reais, foram criados dois registros em Formosa, uma das cidades dessa sub-região, sendo um na parte setentrional da Lagoa Feia e outro em Arrepêditos. Eles tinham a finalidade de proteger os carregamentos de ouro extraídos pelos bandeirantes que por ali transitavam. É possível que a criação desses dois registros tenha sido um dos primeiros pontos de penetração na região. Na mesma época, o arraial de Santo Antônio, situado abaixo da embocadura do Salto do Itiquira com o rio Paranã fora transferido para esse mesmo local, pois não oferecia condições adequadas de sobrevivência devido à insalubridade. O nome primitivo era *Arraial dos Couros*, em razão de as casas serem cobertas com peles bovinas.

Jacinto (1979) afirma que havia uma picada provinda da Bahia e outra de Minas Gerais que adentravam a região cuja história se materializa com a forte influência africana em

³ A região Nordeste do estado de Goiás, chamada de “corredor da miséria” em razão das inúmeras dificuldades porque passa sua população, possui uma economia estagnada, em que a exploração agrícola é de subsistência e a pecuária, basicamente de corte; predomina a criação extensiva. Disponível em: <http://www.seplan.go.gov.br>. Acesso em: 20 mar. 2015.

direção ao interior de Goiás. Núcleos de ajuda mútua foram sendo formados constituindo, em muitos casos, comunidades quilombolas com maior ou menor grau de organização. Assim, surgiram fulcros de sobrevivência próprios adequados a um ecossistema inóspito que, em princípio, o homem branco não interessava explorar.

Diante desse fato, mesmo não encontrando ouro em seus domínios, alguns desses viajeiros decidiram se instalar na região por ela estar situada entre as rotas do ouro de alguns povoados baianos e goianos⁴ que incrementavam o comércio de couro e gado. Sabe-se que a região tornou-se conhecida pela presença dos mais diversos tipos humanos: tropeiros, boiadeiros, desbravadores, exploradores, garimpeiros e missionários.

As primeiras danças populares trazidas para a região foram exatamente a curraleira e o lundum, já mencionadas acima. É interessante notar que essas danças populares foram alguns dos vários fatores que contribuíram para a diferenciação do caipira desta região. Enquanto que a região centro-sul do estado sofrera fortes influências da cultura paulista, por meio dos bandeirantes, esta microrregião sofrera marcante presença de costumes de afrodescendente, por terem eles ali se estabelecido primeiro. Somente depois é que a catira, de origem paulista, fora trazida pelos exploradores brancos, incorporando-se às danças locais, promovendo um riquíssimo hibridismo cultural.

3. Comunhão e comensalismo na catira goiana: uma adaptação ao meio hostil

A catira da região do nordeste goiano, em especial, reflete satisfação das necessidades espirituais do caipira na linguagem cantada e na linguagem corporal, o que constitui uma equação apropriada de ajuste ao meio. A organização social expressa por meio dessa dança compreende uma mola propulsora de cultura. Portanto, destacam-se nela os conceitos ecológicos de comunhão e comensalismo necessários para sua compreensão no contexto ecossistêmico local.

O conceito de comunhão é ecológico e faz-se presente em toda e qualquer manifestação cultural. Conforme Couto (2007) os sujeitos que fazem parte de uma comunidade e que compartilham traços culturais semelhantes estão em comunhão. Uma rede ampla de relações se estabelece ligando uns aos outros os indivíduos em algo que possuem em comum. A catira é a evidência da unidade estrutural e funcional do trabalho estendido à

⁴ Conforme Telles (2004), boiadeiros vindos da Bahia passavam pela região levando gado para a região centro-sul. Segundo ele, o próprio Anhanguera relata que, em 1722, apesar de não ter encontrado homem branco, encontrou estreme de vaca em Formosa.

ECO-REBEL

diversão, maneiras de manter a sociabilização e a interdependência do homem do campo. Portanto, o conceito de comunhão se apresenta como o mais evidente nos grupos sociais que têm em comum seus costumes e suas tradições. Quando dançam, os catireiros externam vínculos de união e de solidariedade uns para com os outros, deixando claro que estão ali para reviver e significar. Trata-se de uma memória significativa, que marca profundamente e identifica de maneira peculiar um determinado grupo.

Para contemplar esse patrimônio cultural invoca-se a leitura de Davallon (2011), segundo o qual, para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, deixe o domínio da insignificância. Há, pois, a necessidade de que o acontecimento lembrado por meio da dança reencontre sua vivacidade, o que implica que ele deve ser reconstruído a partir de dados, crenças, noções e valores comuns aos diferentes membros da comunidade social. Isso é comunhão!

O comensalismo é outro conceito ecológico que expressa perfeita convivência do homem do campo com o meio. Sabe-se que esse conceito ecológico consiste de relações harmônicas interespecíficas (entre indivíduos de espécies diferentes), caracterizada por ser benéfica para uma das partes, sem causar prejuízo para a outra parte, em situações que envolvam alimentos, tais como restos de alimentos ou do metabolismo. É denominada comensal a espécie que se alimenta dos restos da outra espécie. O conceito estendeu-se para qualquer relação, inclusive além da estritamente alimentar (de proteção, de lazer, de afeição ou de transporte), na qual uma espécie se beneficia sem prejudicar a outra, consistindo em uma relação harmônica.

Na visão ecológica de vida, o ser humano compartilha com os outros animais as mesmas condições de existência, porém, não é preciso que aquele seja um eminente predador para sobreviver em comunidade. É fato que na natureza existe um diferente tipo de harmonia em que é preciso a morte de alguns para a continuidade da vida. No entanto, entre os seres humanos prevalece uma ética conduzida pela “autoconsciência, autodomínio, sentido de futuro, sentido de passado, capacidade de se relacionar com outros, preocupação pelos outros, comunicação e curiosidade”, conforme Couto (2014). Assim, é preciso respeitar a vida como um todo, uma vez que a terra é a nossa casa, a casa de todos os seres viventes. Nesse sentido, é necessário que a vida seja concebida não do ponto de vista antropocêntrico, mas biocêntrico.

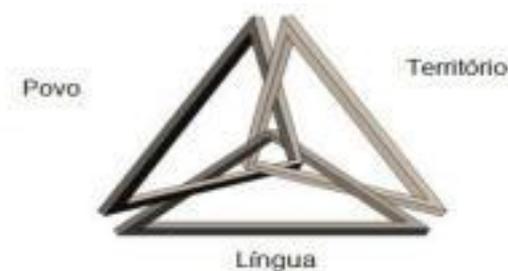
Em se tratando da catira é bom destacar a relação harmônica que existe entre os sertanejos e o meio e deles entre si, compreendendo o catireiro como aquele que tem ligação intrínseca com o campo. Nessa relação faz-se necessário ressaltar que o mesmo interage com o meio e com os seus pares sem tirar mais que o necessário, dando retorno, atitude que resulta em um equilíbrio nos planos natural, mental e social. Na linguagem da catira o sertanejo expressa bem esse ajustamento, na qual se desenha como segmento do meio. Por isso, a temática da linguagem da catira expressa muito bem esse equilíbrio, não deixando dúvida sobre o uso sustentável dos recursos naturais.

4. Interações catireiras como forma de expressão artística

O tripé da linguística ecossistêmica resulta em modos de interação que revelam a relação dos homens com o meio e deles entre si. São modos de interação em que não apenas os componentes verbais se fazem presentes, mas também os não verbais. Um desses componentes tem como referência Hall (2005), por meio da interação proxêmica. Esse tipo de interação não verbal consiste numa forma de expressão espacial em que a relação das pessoas se estabelece pelo contexto social em que estão inseridos, ou seja, mantêm-se uma distância física estabelecida, aceita e compreendida culturalmente. Outra maneira de interação não verbal é a cinestésica, que inclui formas de comunicação que não envolvam palavras expressas. Apenas os órgãos dos sentidos são usados para a interação pessoa-pessoa imprimindo sentimentos, emoções, qualidades e um contexto que permite ao indivíduo não somente perceber e compreender o que significam as palavras, mas também compreender os sentimentos do interlocutor. Desse modo, as formas de relação na manifestação da catira incluem modos de interação com o meio, modos de interação social e modos de interação mental. São os artefatos, sociofatos e mentefatos (COUTO, 2016) representados na trilogia ecossistêmica povo, território e língua, conforme vemos na figura abaixo:

Figura 01. Proposta de triângulo borromeano para compreensão da tríade ecolinguística

ECO-REBEL



Vemos nessa representação que a linguagem está intrinsecamente relacionada a um povo que vive e convive em um território. A linguagem da catira nesta abordagem, em especial, ajuda a compreender o processo de acaipamento que emergiu da formação ecossistêmica no nordeste goiano, que tem a ver com povo, território e língua como resultado desse contato. São os mesmos **artefatos, sociofatos e mentefatos** (COUTO, 2016) na composição ecológica catireira, ou seja, o caipira catireiro dessa região ainda preserva:

- A mesma rusticidade no seu modo de vida.
- A mesma organização familiar e para o trabalho.
- As mesmas práticas festivas e religiosas.
- A mesma literatura oral no componente verbal.

4.1. Interações verbais

As interações prototípicas na comunicação são as interações verbais. Em se tratando da catira ou curraleira, elas têm sua importância, porém um tanto menor que as outras formas de interação que apresentaremos mais abaixo. A linguagem dessas danças tem o componente verbal improvisado, dependendo da motivação de ordem natural, social e mental, sendo que a influência do falar nordestino nessa região é bastante acentuada como atesta Carmo Bernardes que aqui viveu no início do século XX.

Em *Vida Mundo* (1966), Carmo Bernardes narra sua experiência em Goiás, mais precisamente no município de Formosa. Viera trabalhar na Fazenda Poções, de um tio chamado Pedro de Azevedo. Sabe-se que em tal município no qual sua família viera morar, seus colegas de escola eram, na grande maioria, oriundos da Bahia e usavam expressões diferentes daquelas que via nos livros ou estava acostumado nas falas de sua família mineira. Conforme atesta Nunes (2015):

ECO-REBEL

As experiências de vida de Carmo Bernardes em sua infância e adolescência são definidoras de seu repertório linguístico e de sua relação com o mundo, expressas em sua obra literária. Essas diferenças o levaram a escolher para suas obras a linguagem cotidiana do homem do campo, cujo repertório já possuía desde a infância e que manteve em todas as obras (NUNES, 2015, p. 215).

O fato é que na interpretação dos ‘causos’ típicos das relações sociais campesinas o vocabulário caipira prevalece e, cada ambiente compreende uma reinterpretação na relação com o meio, constituindo um vocabulário etnoecológico típico. A nomeação dos animais e das plantas quase sempre está presente na linguagem local, retratando com fidedignidade o meio em que o homem está inserido. Vejamos o recorte de fala a seguir:

Recorte 1

*-treis antonti ô vi um baita dum onço macho cumeno um caititu.
-di primera era tudio matagoso encipoadado, enramado essas banda.*

(Sr. A., Faz. Poço Azul)

Percebe-se nesse pequeno recorte de fala caipiresca um retrato do homem do campo num dedo prosa, quando suas lembranças afloram e exprimem o linguajar típico, evidência de sua fixação nos meios rurais locais. Ele traz também reminiscências de um português clássico no seu discurso goianesco, porém inovado por meio de adjetivações incomuns nos outros contextos da língua portuguesa (ex.: matagoso, encipoadado, enramado etc).

Ecolinguisticamente, as regras sistêmicas (gramática) são coadjuvantes das regras interacionais, elas são também interacionais. Conforme se percebe nesse extrato de história de vida camponesa, vale o entendimento da mensagem, pois a ecologia da interação comunicativa (EIC) envolve também um cenário em que o drama dos atos de interação comunicativa se desenrola. É dos atos de interação comunicativa que nasce a língua, ontogenética e filogeneticamente.

Nos moldes da interação comunicativa desse narrador da comunidade rural, os nativos percebem, claramente, o que está sendo comunicado, embora os enunciados não sigam a norma estatal (padrão). No entanto, nesse contexto todos entenderiam o que ela está querendo dizer. As reduções morfo-lexicais não impedem a eficácia do entendimento da mensagem. O léxico próprio dos meios rurais pode ser entendido, igualmente, quando se trata de *onça*, *caititu*, *matagal*, *cipó* etc., evidenciando o ecossistema natural local,

ainda que modificado pelo falante. Isso mostra, novamente, que essa fala rural é mais uma forma de adaptação do modo de falar ao contexto, nesse caso rural, e adaptação⁵ é um conceito ecológico, portanto, ecolinguístico.

Os que lidam com a língua de maneira solta, com o propósito de comunicar e se fazer entender, tão somente se apropriam da linguagem no sentido amplo de interação e comunicação, pois o entendimento é o que importa para eles. Alguém já dissera: “tudo que pode ser dispensável é dispensado”. Essa é uma grande verdade que desonera o ato comunicativo. A catira representa bem isso, tanto nas interações verbais quanto nas não verbais. Sua linguagem é completa e suficiente para o propósito a que se presta. Para a Ecolinguística não há linguagem tão somente no ato sistêmico, normativo, mas principalmente na interação comunicativa.

Num clássico canto de folia, a linguagem curreleira abaixo se alterna e, entre um recorte e outro, o caipira goiano se diverte:

Recorte 2

Num pouso de folia

Fui num poso de folia

Lá dentro de Formosa

Tava uma briga de muié

Moço, que brig' (h)orrorosa

(Passeio)

2- Começaro na cozinha

Terminaro no terrero

Derrubaro o ruamento (o arco)

E os enfeite do cruzeiro

(Faz-se o recorte e volta pro' início)

Vimos que, língua para a Ecolinguística é basicamente interação, portanto, ela começa não na gramática (ou sistema), e sim nas interações, aliás, o sistema está inserido nas interações. Nesse caso, as pessoas da “roça” agem e interagem por meio da sua religiosidade, das tradições, festividades ou da troca (compartilhamento) de mensagens de comum interesse da vida no campo, pelo contato entre esses e o meio ambiente, além das inter-relações que acontecem deles entre si. Esse fato nos remete ao tripé da Linguística Ecolinguística, que relaciona povo, língua e território, defendido por Couto (2007, 2013).

⁵ Couto (2015, p. 39) afirma que, na dinâmica da língua, a adaptação pode ser vista na interação comunicativa, por exemplo, em que o falante procura se expressar como acha que o ouvinte entenderia e o ouvinte procura interpretar o que ouviu como acha que o falante quis dizer.

Assim, contraria-se toda a concepção de que a fala rural (caipira) seja um desvio ou variação de uma norma, de um padrão. Ela, na verdade, é modo tradicional de interação verbal de um grupo, o grupo dos catireiros, e dos roceiros em geral. Exclui-se, desse modo, o preconceito linguístico entre os que estudam os fenômenos da língua pelo viés da Ecolinguística. A Ecolinguística, por ser holística, compreende a língua de forma integrada ao natural, ao mental e ao social. Nesse sentido, os estudos ecolinguísticos estão à frente da gramática normativa, que contempla apenas a língua estatal, ou norma padrão, focando nos conceitos de certo e errado, fazendo surgir o preconceito linguístico. Entre os catireiros, não se cogita o que é certo ou errado, pois não há julgamento de valor no ato comunicativo. A Ecolinguística faz o mesmo.

Ao encarar a língua no âmbito do discurso, como na fala do sertanejo citada, é possível inferir que se importa com a mensagem ali contida. Ela expressa uma temática da vida rural que comunica algo que todos ali naquele contexto entendem, pois compartilham a mesma cultura, o que é absolutamente normal entre eles. Sua preocupação é expressar e comunicar algo pela mensagem falada e/ou cantada, contida no seu imaginário.

Finalmente, percebe-se que o falante em questão faz uso da língua interagindo sem a preocupação formal das regras sistêmicas. Embora suprima algumas flexões e mude a ordem canônica, se pode dizer que sua gramática é perfeita, inteligível, comunicável, de modo que, para a Ecolinguística, não falta nada nesse discurso.

4.2 Interações não-verbais

4.2.1 Interação proxêmica

A proxêmica é uma das diversas subcategorias do estudo da comunicação não-verbal. Segundo Hall (2005), a proxêmica descreve e define a relação espacial dos indivíduos num determinado contexto social. Esse antropólogo demonstrou que a interação/comunhão entre os indivíduos pode ser relacionada com a distância física. Para exemplificar ele mostrou que um indivíduo que encontra um banco de praça já ocupado por outra pessoa numa das extremidades tende a sentar-se na extremidade oposta, preservando um espaço entre os dois. Assim, ele menciona quatro tipos de distância:

distância íntima: para abraçar, tocar ou sussurrar (15-45 cm);

distância pessoal: para interação com amigos próximos (45-120 cm);

distância social: para interação entre conhecidos (1,2-3,5 m); e

distância pública: para falar em público (acima de 3,5 m).

Hall (2005) indicou que diferentes culturas mantêm diferentes padrões de espaço nas interações. Nas culturas latinas, por exemplo, as distâncias relativas são menores e as pessoas não se sentem desconfortáveis quando estão próximas umas das outras; nas culturas nórdicas, ocorre o oposto. As distâncias nas inter-relações das pessoas também podem variar em função da situação social, do gênero e de preferências individuais.

A distância entre os catireiros se estabelece pelo tipo de relações interpessoais que se dão no contexto do homem sertanejo. Considerando que nossa cultura admite contato bastante muito próximo e, pensando no isolamento do homem do campo, é perceptível uma aproximação maior nos momentos festivos, diferentemente das ocasiões de labor.

A coreografia da catira, apesar de parecer a mesma em várias regiões, varia bastante em determinados aspectos, havendo diferenças nítidas de uma região para outra. Normalmente é apresentada com dois violeiros e dez dançarinos. A dança é muito chamativa devido ao seu vigor e sincronismo. Ela compõe-se de palmeados e sapateios ritmados que os catireiros executam, em duas fileiras - uma em frente à outra, formando pares. O impacto do comportamento proxêmico no uso desse espaço na comunicação interpessoal dos catireiros estabelece uma comunhão entre os mesmos, promovendo uma interação social comunal e harmônica, um conceito ecológico, conforme Couto (2007). Essa interação representa uma organização do espaço que reflete o modo de vida do camponês, a proximidade com os seus pares nas relações sociais, revelando muito de sua cultura e modo de vida.

4.2.2 Interação cinésica

Nos anos 70 o estudo prolongado de filmes levou Ray Birdwhistell (1970), o pioneiro na tentativa de compreensão da linguagem do corpo (cinésica), a considerar sua contextualização no meio cultural e social. Ele concluiu que grande parte da comunicação humana se passa num nível abaixo da consciência, nível em que a relevância das palavras é apenas indireta. Acredita que apenas uns 35% do significado social de qualquer conversa corresponde às palavras pronunciadas.

A interação cinésica inclui todas as formas de comunicação que não envolvam palavras expressas. Ela envolve todos os órgãos dos sentidos e ocorre na interação pessoa-pessoa mesmo que não haja verbalização de palavra alguma. A comunicação não verbal qualifica a interação humana de modo especial, imprimindo sentimentos, emoções,

ECO-REBEL

qualidades e um contexto que permite ao indivíduo não somente perceber e compreender o que significam as palavras, mas também compreender os sentimentos do interlocutor. Pressupostos da cinésica, conforme Birdwhistell (1970):

- nenhum movimento ou expressão corporal é destituído de significado no contexto em que se apresenta;
- a postura e os movimentos corporais são culturalmente determinados;
- a atividade corporal visível, assim como a atividade fonética audível, influencia o comportamento dos outros membros de um grupo;
- as atividades corporais visíveis encerram significados socialmente reconhecíveis e válidos.

Esses pressupostos nos fazem entender que “sabemos” o que o outro pode estar querendo dizer com seus gestos, suas posturas corporais e seus movimentos, assim como sabemos que determinados ambientes sociais esperam um comportamento específico dos indivíduos.

Na catira, o início é dado pelo violeiro que toca o rasqueado, toques rítmicos específicos, para os dançarinos fazerem a “escova”, bate-pé, bate-mão, pulos. Essa linguagem não verbal faz lembrar o galope dos cavalos, os movimentos para espantar um bicho e/ou simplesmente uma manifestação de satisfação. Os músicos interrompem a cantoria e repetem o rasqueado, enquanto os dançarinos reproduzem o bate-pé, bate-mão e os pulos.

Observando a dança da catira, percebe-se que os movimentos cinésicos parecem originar-se da articulação dos movimentos corporais existentes na lida da roça e no tropicar dos animais de jugo (obs.: percepção do autor deste artigo). Os músicos interrompem a cantoria e repetem o rasqueado, enquanto os dançarinos reproduzem o bate-pé, bate-mão e os pulos. Vão alternando a moda e as batidas de pé e mão. O tempo da cantoria é o descanso dos dançarinos, que aguardam a volta do rasqueado.

Acabada a moda, os catireiros fazem uma roda e giram batendo os pés alternados com as mãos: é a figuração da “serra abaixo”, terminando com os dançarinos nos seus lugares iniciais. O catira se encerra com o recortado: as fileiras, encabeçadas pelos músicos, trocam de lugar, fazem meia-volta e retornam ao ponto inicial. Neste momento todos cantam uma canção, o “levantado”, que varia de grupo para grupo. No encerramento do recortado, os catireiros repetem as batidas de pés, mãos e pulos.

Na interação cinésica da catira, o conceito ecológico de comunhão faz-se presente quando os interlocutores interagem em sintonia e sincronia perfeitas, estabelecendo um canal comunicativo através dos movimentos e órgãos dos sentidos.

5. Considerações finais

Percebe-se que a linguagem multifacetada da dança da catira pode ser uma maneira de compreender a formação do diferenciado ecossistema dessa microrregião de Goiás e seu específico processo de acaipiramento. São os mesmos artefatos, sociofatos e mentefatos existentes na composição ecológica catireira, os quais revelam tradições que o caipira ainda preserve por meio de sua rusticidade e modo de vida na relação com o meio. A mesma organização familiar que permite passar de geração para geração os costumes e tradições, a mesma organização para o trabalho na cooperação e solidariedade que também se exterioriza nas práticas festivas, revelando uma literatura oral em seu riquíssimo componente linguístico verbal.

As danças desta região têm um componente verbal muitas vezes improvisado e um componente não verbal alegre e com muita interação, imprimindo sentimentos, emoções e qualidades em um contexto bastante peculiar como foi demonstrado. A catira é apenas uma delas. Dependendo da motivação pode existir um repertório às vezes cômico, trágico e outras vezes irônico da diversificada vida rural. Esse fato por si só já é motivo para uma investigação. Ao afirmar que toda língua tem uma sede, Sapir (1969) antevia o fato de que existe uma relação intrínseca entre território e povo, sugerindo que dessa relação emerge a língua que nada mais é que interação.

Referências

- BIRDWHISTELL, R. L. *Kinesics and Context: Essays on Body Motion Communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.
- BERNARDES, C. *Vida Mundo*. Goiânia: Livraria Brasil Central Editora, 1966.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do rio bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010, 11ed.
- COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.
- _____. Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n. 1, 2015, p. 36-62.
- _____. Ecosistema cultural. <http://meioambientealinguagem.blogspot.com.br/>, 2016 (acesso: 20/11/16).

ECO-REBEL

- COUTO, V. *Festa do Divino Espírito Santo – Folia da Roça*. Formosa: Artes Gráficas Ribeiro, 2014.
- DAVALLON, J. A imagem, uma arte de memória. In: ACHARD, Pierre et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 2011.
- HALL. E. T. *A dimensão oculta*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. Edição original em português Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977 (Edição original em inglês *The Hidden Dimension*.. Anchor Books, 1966).
- JACINTHO, O. *Esboço histórico de Formosa*. Brasília: Academia de Letras e Artes do Planalto, 1979.
- NUNES, M. de L. O. ‘Vida Mundo’ de Carmo Bernardes à Luz da Análise do Discurso Ecológica (ADE). In: COUTO, Elza; Albuquerque, Davi (orgs.). *Linguística Ecológica & Análise do Discurso Ecológica – Teorias e aplicações*. Brasília: Thesaurus, 2015.
- PIRES, C. *Conversas ao pé do fogo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1921.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995, 2.^a ed. 14.^a reimp.
- SAPIR, Edward. Língua e ambiente. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.
- TELES, J. R. Formosa no Caminho dos Missionários. In: *Ideias Universitárias – Revista da Universidade Estadual de Goiás (Unidade Universitária de Formosa)*, n. 1, 2004.

Enviado:30/09/2016.
Aceito: 06/01/2017.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 3, n. 1, 2017.